



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL**

LETICIA GABRIELE DREY

**SUBALTERNIZAÇÃO E VIOLÊNCIA: O CORPO NEGRO FEMININO COMO
MODELO DE RESISTÊNCIA EM CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

CERRO LARGO

2020

LETICIA GABRIELE DREY

**SUBALTERNIZAÇÃO E VIOLÊNCIA: O CORPO NEGRO FEMININO COMO
MODELO DE RESISTÊNCIA EM CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Espanhol Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Espanhola.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz

CERRO LARGO

2020

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Drey, Leticia Gabriele

SUBALTERNIZAÇÃO E VIOLÊNCIA: O CORPO NEGRO FEMININO
COMO MODELO DE RESISTÊNCIA EM CONTOS DE CONCEIÇÃO
EVARISTO / Leticia Gabriele Drey. -- 2020.

51 f.

Orientador: Doutor Demétrio Alves Paz

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo, RS, 2020.

1. Conto. 2. Literatura Afro-Brasileira. 3. Escrita
Feminina. 4. Conceição Evaristo. 5. Violência. I. Paz,
Demétrio Alves, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LETICIA GABRIELE DREY

**SUBALTERNIZAÇÃO E VIOLÊNCIA: O CORPO NEGRO FEMININO COMO
MODELO DE RESISTÊNCIA EM CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

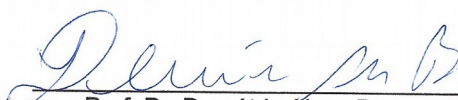
Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

15/09/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Demétrio Alves Paz – UFFS
(Presidente/Orientador)



Profa. Dra. Ana Cecília Teixeira Gonçalves – UFFS*



Prof. Dr. Pablo Lemos Berned – UFFS*

*Assinatura do(a) Presidente da banca representando os demais membros conforme Ofício-Circular Nº 8/2020 – PROGRAD.

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise de como a violência e a subalternização do corpo negro feminino aparecem em nove contos das obras *Olhos D'Água* (2014) e *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2011), da escritora brasileira Conceição Evaristo. Além disso, examina-se como as mulheres negras resistem a essas condições que tentam fixá-las nas margens da sociedade. Primeiramente queremos entender como ocorreu a ocupação dos locais de fala pelas mulheres negras, por meio da literatura, e porque se faz necessário que haja uma organização distinta de todas as outras, que se preocupa com a individualidade do povo negro dentro do âmbito social, cultural e literário. E, sobretudo, como esses campos constroem uma resistência conjunta advinda da obtenção de consciência do seu lugar no mundo. Volta-se a atenção para a condição feminina em meio à sociedade patriarcal, os aspectos históricos que influenciaram e continuam influenciando as vivências dessas mulheres e como uma reação pode ser crucial para que essa situação seja superada e transformada em aprendizado, evitando a repetição das mesmas opressões no futuro. As escritas literárias oportunizam a muitas mulheres violentadas a escuta de suas vozes, algo que, muitas vezes, não ocorre na realidade. Dessa forma, o campo literário se torna essencial para que se construam novas perspectivas de vida para o ser feminino, o que externaliza o caráter humanizador, tanto das obras, quanto dessa pesquisa. No decorrer do trabalho, contamos com uma vasta teorização do que é dito e a conceitualização de diversos termos que são apresentados, para isso, baseamo-nos nos estudos de teóricos que se debruçam sobre as temáticas abordadas, alguns deles são: Eduardo Assis Duarte (2008), Eneida Maria de Souza (2007), Bell Hooks (1995), Carla Cristina Garcia (2015), Djamila Ribeiro (2019) e Angela Davis (2016).

Palavras-chave: Conto. Literatura Afro-Brasileira. Escrita Feminina. Conceição Evaristo. Violência.

RESUMEN

Este trabajo presenta el análisis de cómo la violencia y la subalternización del cuerpo negro femenino aparecen en nueve cuentos de las obras *Olhos D'Água* (2014) y *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2011), de la escritora Conceição Evaristo. Además, se examina cómo las mujeres negras resisten estas condiciones que intentan fijarlas en los márgenes de la sociedad. En primer lugar, queremos entender cómo se produjo la ocupación de los sitios de habla por parte de las mujeres negras, a través de la literatura, y por qué es necesario tener una organización distinta de todas las demás, que se ocupe de la individualidad de los negros dentro de la esfera social, cultural y literaria. Y, sobre todo, cómo estos campos construyen una resistencia conjunta a partir de la toma de conciencia de su lugar en el mundo. Se presta atención a la condición femenina en medio de la sociedad patriarcal, a los aspectos históricos que han influido y siguen influyendo en las experiencias de estas mujeres y a cómo una reacción puede ser crucial para que esta situación se supere y se transforme en aprendizaje, evitando la repetición de las mismas opresiones en el futuro. Los escritos literarios dan a muchas mujeres que han sido violadas la oportunidad de escuchar sus voces, algo que a menudo no ocurre en la realidad. De esta manera, el campo literario se vuelve esencial para la construcción de nuevas perspectivas de vida para el ser femenino, lo que exterioriza el carácter humanizador tanto de las obras como de esta investigación. En el curso del trabajo contamos con una vasta teorización de lo que se dice y la conceptualización de diversos términos que se presentan, para ello nos basamos en los estudios de teóricos que se centran en los temas tratados, algunos de ellos son: Eduardo Assis Duarte (2008), Eneida Maria de Souza (2007), Bell Hooks (1995), Carla Cristina Garcia (2015), Djamila Ribeiro (2019) e Angela Davis (2016).

Palabras clave: Cuento. Literatura afrobrasileña. Escritura femenina. Conceição Evaristo. Violencia.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAS	7
2. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: A INDIVIDUALIDADE DO NEGRO	10
2.1 ESCREVIVÊNCIAS: O QUE CAPTO DE MUITAS VIVÊNCIAS.....	12
2.2 A VOZ SUBALTERNA DAS MULHERES NEGRAS.....	15
3. FEMINISMOS, O PLURAL	19
3.1 COMO TUDO COMEÇOU: UM FEMINISMO PARA O FEMININO.....	19
3.2. FEMINISMO NEGRO E EMPODERAMENTO.....	22
4. MARCAS E TRAUMAS: VISÍVEIS E INVISÍVEIS	23
4.1 VIOLÊNCIA FÍSICA.....	23
4.2 VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, àqueles que já estavam comigo mesmo antes de iniciar a carreira acadêmica: minha família. Obrigada por serem a base de tudo isso. Obrigada por serem a minha base.

Agradeço ao meu orientador, Professor Demétrio Alves Paz, por todo o tempo, atenção e paciência dedicados a mim e à minha pesquisa. Obrigada, principalmente, por me apresentar a literatura afro-brasileira e me permitir tantos espaços para apresentar a mais pessoas o importante e maravilhoso trabalho da Conceição Evaristo e tantas outras mulheres negras escritoras.

Sou grata por todos os amigos que fiz e que sempre estiveram presentes nos momentos mais importantes para mim. Agradeço aos que estudaram comigo, em casa ou na universidade, aos que festejavam todas as minhas conquistas, aos que foram para as ruas, para a luta.

Como disse Gonzaguinha, “eu acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão”, essa rapaziada que durante cinco anos me ensinaram o que é ser amigo, como é a sensação de ficar feliz com a felicidade do outro e como em meio a provas, trabalhos, artigos e seminários, é sempre possível celebrar a vida.

A todos os professores, meus mais sinceros agradecimentos e admiração. Todos foram imprescindíveis para a minha formação, de cada um levo algum aprendizado.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na literatura brasileira temos obras que cercam a vida do indígena, exaltam a grandiosidade e beleza do território nacional e mais tarde aparecem aquelas que tratam dos temas sociais, com a incorporação da vida nos centros urbanos. Em se tratando dos negros e negras, a literatura os apresentava somente como escravos, deixando-os em uma posição de marginalização. Além disso, a herança africana era vista como maldita e por esse motivo, há uma tentativa de branqueamento de alguns personagens dessa literatura, como é o caso de Isaura, da obra *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicada em 1875. A personagem é elogiada pela Senhora: “És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano” (GUIMARÃES, 2004, p.20). Esse trecho faz com que o leitor concorde com o que diz Sueli Carneiro sobre a condição das mulheres negras na literatura: “são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca” (CARNEIRO, 2003).

Mesmo com o fim da escravidão, a mulher negra continuou sendo posta às margens da literatura, e isso não se refere somente às personagens. Essa subalternização acontece também quando se trata de quem escreve e publica textos literários no Brasil. Os resultados de uma pesquisa realizada por Regina Dalcastagné, em 2005, apresentam um mapeamento do romance brasileiro. Os dados da pesquisa comprovam como a presença da mulher na literatura é falha. Foram analisadas 258 obras, de 165 autores, que correspondem à soma dos romances brasileiros do período de 1990 e 2004, publicados pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco. A pesquisa comprovou uma enorme disparidade entre os sexos, uma vez que 120 dos 165 autores publicados eram homens, ou seja, 72,7%. No que diz respeito à cor da pele, notou-se uma homogeneidade, já que entre os autores e autoras, 93,9% eram brancos. No tocante às personagens, examinaram-se 1.245. Entre elas, a predominância se deu no sexo masculino, com 773 homens (62,1%), e apenas 471 mulheres (37,8%). E correspondente à cor da pele das personagens, foram apresentadas 994 brancas (79,8%), apenas 98 negras (7,9%) e 76 mestiças (6,1%). (DALCANSTAGNÉ, 2005, p.31-45)

Esses resultados confirmam a desigualdade existente na sociedade brasileira, tanto entre os homens e as mulheres, quanto entre brancos e negros. Dentre todos, notamos que a mulher negra é quem mais sofre com esse desequilíbrio. Tendo essa apuração, resta perceber que a causa dessa discrepância é o passado instituído sobre pilares escravocratas, racistas e, sobretudo, machistas. Em um país marcado por cerca de 300 anos de violação de direitos de um povo que foi arrancado de suas terras, de sua cultura e de seu modo de vida, para servir de mão de obra barata; que fez e faz das mulheres objetos de prazer, violentando-as física e sexualmente, que o invisibiliza, rotula, exclui, condena e agride, não tem condições de retratá-lo na literatura de forma diferente da caricata.

Todavia, a formulação de uma literatura contemporânea, advinda desse grupo marginalizado, ou seja, da produção das mulheres negras, vem, desde 1990, ganhando espaço entre as demais obras. A chamada Literatura Afro-Brasileira apresenta um texto literário que se difere dos clássicos consagrados no passado, pois denuncia a violência provinda do racismo e do machismo, retrata a vida dessas mulheres nos grandes centros, nas favelas e nos locais de trabalho. Representa, acima de tudo, a ocupação de um local de fala e de autorrepresentação, em que elas instituem a luta individual e em grupo, acompanhadas do feminismo negro, reivindicando direitos essenciais que durante muito tempo lhes foram negados.

Entre as escritoras que se encaixam nessa nova forma de fazer literatura, está Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida como Conceição Evaristo. Nasceu em uma favela no alto da Avenida Afonso Pena, na zona Sul da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 29 de Novembro de 1946. Conciliou os estudos com o trabalho de empregada doméstica e concluiu o curso normal em 1971, aos 25 anos. Logo depois, foi para o Rio de Janeiro e prestou um concurso público para o magistério, foi aprovada e passou a estudar Letras na UFRJ. Nos anos 1980, a autora conheceu o grupo Quilombhoje e em 1990 publicou seus primeiros poemas na série Cadernos Negros. É mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Conceição Evaristo travou e trava uma luta dupla : feminista e contra a discriminação racial, de gênero e de classe, expondo isso em suas obras, ou em sua escrivência: “Escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências

Escrevivências.” (EVARISTO, 2016). Entre suas obras estão: os romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), os volumes de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos D'Água* (2014) e *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016), e os *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017).

Neste trabalho, buscamos analisar como a violência e a subalternização do corpo negro feminino estão presentes em nove contos de Conceição Evaristo, ademais, evidenciar como essas mulheres reagem e resistem a esse processo violento que as coloca nas margens da sociedade. Os objetos de análise são dois livros de contos da escritora: *Olhos D'Água* com os textos “Ana Davenga”, “Duzu-Querença”, “Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?” e “Beijo na face”; e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, com os contos “Aramides Florença”, “Natalina Soledad”, “Shirley Paixão” e “Isaltina Campo Belo”.

Em *Olhos D'Água* Conceição aborda a questão da exclusão social, da pobreza, e a violência que essas condições acabam por sustentar. Essas narrativas contam com a presença da mulher negra como protagonista e feitora de sua própria existência. Percebemos um enlace entre a denúncia e a celebração da vida (GOMES, 2014, p. 10). *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* também apresenta essas mesmas questões. “A maternidade, o estupro, o espancamento, a reação machista frente a homossexualidade feminina e o envelhecimento são algumas das experiências doloridas transformadas em literatura” (SOBRINHO, 2015, p.11). O diferencial é que em grande parte dos contos deste livro temos uma narradora principal identificada como “colhedora de histórias”, que visita muitas mulheres em suas casas para conhecer suas histórias de vida. Por esse motivo, todos os contos são intitulados com os nomes das suas protagonistas.

Para melhor teorizar e problematizar os tópicos propostos, apoiamo-nos em escritos de diversos estudiosos da literatura afro-brasileira, de temas como a violência, a subalternização, o feminismo negro, entre outros. Tais autores são Eduardo Assis Duarte (2008), Eneida Maria de Souza (2007), Bell Hooks (1995), Carla Cristina Garcia (2015), Constância Lima Duarte (2016), Judith Butler (1998), Pierre Bourdieu (2012), Sueli Carneiro (2003), Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (2011), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Djamila Ribeiro (2019) e Angela Davis (2016).

2. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: A INDIVIDUALIDADE DO NEGRO

Partindo dos estudos acerca da literatura afro-brasileira, constatamos que o conceito ainda está em construção e divide alguns pontos de vista entre escritores e estudiosos. No entanto, há o consenso de que alguns aspectos devem ser considerados quando se pesquisa-se acerca dessa literatura. Eles giram em torno da posição que o racismo toma dentro das obras e como a militância o questiona e levanta uma resistência diante deste problema, criado e alimentado por uma sociedade que visava o embranquecimento.

Centrando as discussões sobre a questão das escritas afro-brasileiras, ou mais especificamente, sobre uma literatura negra em geral, Eduardo Assis Duarte, em seu artigo, “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, atenta que

sobressai o tema do negro, enquanto individualidade e coletividade, inserção social e memória cultural. E, também, a busca de um público afrodescendente, a partir da formalização de uma linguagem que denuncia o estereótipo como agente discursivo da discriminação (DUARTE, 2008, p.2).

Ou seja, as escritas necessitam pensar as especificidades do que é e como é ser negro em meio à sociedade brasileira. Na contemporaneidade, muitos autores e autoras se “debruçam sobre o estigma do 14 de maio de 1888 – o longo *day after* da abolição, que se prolonga pelas décadas seguintes e chega ao século XXI” (DUARTE, 2007, p.3). Significa que escrevem sobre a realidade do dia a dia dos negros após serem libertos de sua condição de escravos, o que não lhes deu a garantia de dignidade, visto que a grande maioria se encontra marginalizada, violentada e apagada, das formas mais cruéis ainda nos tempos atuais. Portanto, é imprescindível que esses temas sejam considerados tanto de maneira individual quanto coletiva, uma vez que a discriminação pode ocorrer com uma pessoa em um dado momento, porém diz respeito a um passado de violência e exclusão que formaram uma opinião quanto a todos que pertencem àquele grupo.

Neste sentido, o direcionamento dado a esta literatura quanto ao público afrodescendente, que deve ser o público-alvo principal, é de que ela se torna instrumento de denúncia e resistência, considerando que se tenha pessoas do mesmo grupo étnico escrevendo e lendo os escritos, de modo que “a literatura é

discursividade e a cor da pele ganhará importância enquanto tradução textual de uma história coletiva e/ou individual” (DUARTE, 2007,p.4), e esse movimento pode trazer a percepção de um ato revolucionário, capaz de transformar o futuro sem ocultar o passado.

Além de constituir um importante papel na representação do povo negro perante a sociedade racista, a esfera literária passou, principalmente a partir dos anos 1990, a abrir mais espaços para a produção das mulheres. Assim, possibilitou à categoria feminina, novos olhares e modos de retratar as vivências, as dificuldades, as violências e a discriminação que sofrem por serem estigmatizadas e diminuídas por visões machistas impostas pelos poderes patriarcais e escravocratas que relevam somente o sentido estético de sua existência.

Como escreve Conceição Evaristo em seu ensaio “Da Representação a autorrepresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira” (2005), enquanto existe uma literatura que tenta representá-las de um ponto de vista do homem branco, as mulheres

Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. [...] Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p.54)

Há, na consumação da mulher negra como porta-voz de sua própria vida, um importante e primeiro passo para mudar a visão da sociedade que a estereotipa como bem quer e lhe convém. Igualmente, ocorre um avanço na luta pelos direitos de exercer importantes papéis como intelectuais que, ao escrever, tornam-se exemplos para outras mulheres que, até então, não enxergavam sua imagem e semelhança no âmbito acadêmico e, com isso, não se percebiam como sujeitos de suas próprias histórias. Para nos aprofundarmos nessas questões que envolvem a literatura afro-brasileira de escrita feminina e como ela significa uma revolução na vida particular e social das mulheres, que agora legitimam a consciência de que têm direitos, conhecemos a protagonista deste estudo: a escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida somente por Conceição Evaristo.

Evaristo é um dos exemplos de mulheres que, na contemporaneidade, lutam pela literatura afro-brasileira e pelo direito de escrever suas próprias linhas, sejam elas nos livros, ou no cotidiano. A sua escrita exhibe protagonistas negras que, apesar de estarem expostas a violências físicas, psicológicas e simbólicas, de alguma forma transformam suas trajetórias em exemplo de resistência contra o espaço subalterno que o machismo e o racismo, ambos estruturais, querem-nas colocar.

Percebemos com a construção das análises que em ambos os livros (objetos de nosso estudo) a condição de vida das personagens é guiada por um passado que elas não têm o poder de apagar. Ao mesmo tempo, contemplamos um novo presente, em que suas vidas estão sendo contadas e, desse modo, modificando o olhar que a sociedade exerce sobre elas. Observando os textos contemporâneos e escritos por aquelas ocupantes de seus espaços de fala, notamos a mãe que luta para salvar seus filhos das garras de um agressor, a mulher que com muito esforço escapa das mãos de um homem que lhe enxerga como uma propriedade, a lésbica que foi violentada por muitos homens e transformou a dor em algo que abriu seus olhos sobre o que ela realmente era. Este modo de escrever as vivências, relembrar as memórias, viver o cotidiano e, a partir disso, lutar por um espaço em que suas vidas de mulheres negras importam tanto quanto qualquer outra, faz com que Conceição Evaristo construa um termo que cumpre a função de englobar todos estes aspectos: *Escrevivências*.

2.1. Escrevivências: “o que capto de muitas vivências

O termo cunhado pela escritora é a junção das palavras “escrever” e “viver”, e traz uma subjetividade própria que ela introduz em suas obras (LEITE; NOLASCO, 2019, p.2), entremeadas de um modo de resistência. Em entrevista ao NEXO JORNAL, em 2017, Conceição esclarece

[A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. (LIMA, 2017)

Quando consideramos as questões que perpassam a vivência das mulheres negras, temos de abordar os diferentes tipos de violência que estão muito presentes em suas vidas. Eles estão amarrados à escrevivência das personagens Shirley Paixão, Isaltina, Duzu, Maria, de forma triste e revoltante. Contudo, muitas trazem histórias de empoderamento e superação, em que uma mulher ou uma “confraria de mulheres” (EVARISTO, 2011, p.34) luta para se ver livre de seu algoz. Com essa abordagem, Evaristo proporciona uma “leitura democrática acerca desse tema, de forma que nos desgarremos das ideias afixadas da literatura tradicional, nos dando a oportunidade de rever essa problemática social” (SEVERIANO, 2018, p.41). Ou seja, é o ponto de vista legítimo daquelas que estão tomando seus respectivos espaços de fala e fazem ecoar as vozes da justa busca por igualdade, transmutando o ato violento que era preservado dentro das linhas da legalidade, durante a escravidão e tempos após, em questões agora questionadas, principalmente por quem a sofre, pois a violência é a “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (SAFFIOTI, 2011, p.17), e são essas rupturas que estão denunciadas nas obras em estudo.

Ao lermos esses textos, deparamo-nos com diversas marcas da própria condição de mulher negra da escritora, seu cotidiano e suas memórias. Afirma-se, com isso, que ela traz para a composição de seus escritos “um jogo de representações biográficas” (LEITE; NOLASCO, 2019, p.2) que a escrevivência particulariza como sendo a representação de um grupo historicamente minorizado.

Podemos compreender melhor este termo e o seu papel na obra da autora, utilizando a crítica biográfica, que segundo Souza é “por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção” (SOUZA, 2002, p. 127).

Partindo desse pressuposto, é pertinente colocar que a compreensão da literatura, no caso de Evaristo, está além do ficcional, dado que, quando ela cria um termo para se dirigir às maneiras de colocar as vivências no papel, tanto próprias, quanto de outras, está se dirigindo para um campo um tanto biográfico. Ela marca uma crítica a um modelo de sociedade e a uma perspectiva única da história. Ao mesmo tempo que busca reavivar memórias sem deixar de lado a apreciação da literatura como arte.

Ao fazer o trabalho completo de preservar a liberdade poética de suas obras: “A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!”, (EVARISTO, 2014, p.40) o que “reside no procedimento de mão dupla, ou seja, reunir o material poético ao biográfico, transformando a linguagem do cotidiano em ato literário” (SOUZA, 2010, p.53). A escritora coloca a vida concomitante à escrita. Aborda tanto a cultura que tenta oprimir a mulher, quanto como elas reagem a isso; trata da superação; de amores construídos e outros desmascarados. O conto “Maria”, do livro *Olhos D’Água* (2014), traz uma mulher negra, mãe de três filhos, que trabalha como empregada doméstica na casa de uma família branca e rica. Na volta do trabalho, ela, cansada, precisa pensar em como seriam as próximas idas para casa, pois com o preço da passagem aumentando, teria de fazer o trajeto andando.

Nesse sentido, podemos lembrar o conceito de “Supermulher”, criado pela mídia, nos anos 1980, quando o feminismo sofreu com uma reação conservadora. Ele escondia “por trás deste nome aparentemente poderoso, a exploração que a dupla jornada supõe: trabalhar fora de casa, e além disso, ser uma mãe perfeita [...]” (GARCIA, 2015, p.95). Essa dupla jornada, quase sempre se visualiza em se tratando da mulher negra, o que aparece como uma invisibilidade dentro do movimento feminista, já que, diversas vezes, precisa deixar de dar atenção a sua

casa e a sua família, e se doar para o trabalho em um lar rico e geralmente branco. Assim, não se pode negar que existe um processo de racialização do trabalho doméstico no Brasil, considerando dados de 2015, publicados em uma reportagem da BBC News, que demonstram que das 6,2 milhões de pessoas que se ocupavam deste trabalho, 5,7 milhões eram mulheres. E dessas, 3,7 milhões eram negras e pardas (WENTZEL, 2018).

A desigualdade econômica também está descrita nesse conto, uma vez que a mãe leva para casa os restos das comidas que serviram e enfeitaram a festa da noite anterior na casa da patroa. São esses restos e frutas que proporcionarão aos filhos mais uma farta refeição. Além da gorjeta recebida, que viabilizaria a compra de remédios e algum alimento a mais. Enquanto a vida em um lado da cidade era farta e feliz, no outro lado, a fartura se baseava na boa vontade da patroa em doar os restos da festa.

Duzu-Querença é outra personagem de Evaristo que retrata a desigualdade econômica que as mulheres negras enfrentam. É uma mulher que, ainda criança, passou a trabalhar em um bordel e, na velhice, teve de se contentar com a vida nas ruas, assim como o olhar de asco da população que a encontrava. Mais uma das milhares de mulheres obrigadas a se habituarem com a vida dentro de casas onde têm seus corpos violados e transformados em instrumentos de prazer, para os homens, e de sobrevivência, para si mesmas. Ademais, a personagem se encontra descartada ao alcançar uma idade avançada. Nessa fase da vida, ela sai das zonas da cidade e vai viver nas ruas, confirmando as estatísticas que exibem que a população de rua, em sua maioria, é composta por pessoas negras, que correspondem a 67% (CNMP, p.7). É a arte representando a vida, reavivando memórias e formando consciência para se pensar os impasses históricos que circundam a vivência

A escritora faz uma reflexão que transmite um forte recado a quem lê seus escritos. Assegura que “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar para os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21). Desse modo, compreendemos o papel das pessoas brancas no que se trata da mudança de mentalidade da sociedade em geral. Visto que, inundadas do sentimento de superioridade, construíram um regime

escravocrata e, a partir dele, disseminaram o racismo e as desigualdades. Para tanto, havemos de ser antirracistas não somente na fala, mas principalmente nas ações. Educarmos a nós e às próximas gerações, termos em mente que devemos lutar por essa causa, mas nunca se pôr no local de fala de uma pessoa negra. É imprescindível respeitar o lugar de cada um no movimento.

2.2 A voz subalterna das mulheres negras

As mulheres estão se apropriando de um lugar de fala que, apesar de lhes pertencer, quase sempre foi tomado por vozes de homens brancos. Temos de analisar o porquê disso ter acontecido e ainda ocorrer em algumas culturas constituídas sobre pilares patriarcais. A condição de mulher, geralmente, é de subordinação ao homem, e isso é concebido em todos os âmbitos da vida.

Primeiro, a mulher sempre foi considerada propriedade do homem após o casamento, e o seu papel se resumia em cuidar da casa, dos filhos e do marido, enquanto ele deveria prover o sustento. Nesse sentido, cabia ao homem a função de chefe da família, como no conto “Ana Davenga”, em que Ana é mulher de um bandido e precisa enfrentar o medo de que a qualquer momento algo de ruim poderia acontecer com ela ou com o seu homem. Além disso, tinha de ser “cega, surda e muda no que se referia a assuntos dele” (EVARISTO, 2011, p.22). No entanto, ele a tinha como sua propriedade e deixava claro que “qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele” (EVARISTO, 2011, p.22). Sem nem perceber, ela se tornou uma mulher vítima das relações com criminosos. Contudo, Ana deixa claro que escolheu viver com Davenga, mesmo sabendo de suas atividades. Para ela, o risco valia a pena. Ele não deixava faltar nada em casa e, mesmo quando ficava longe, mandava que seus parceiros levassem o sustento até ela.

Diferente do exposto nesse conto, há casos ainda mais nocivos à liberdade de escolha da mulher, pois existe a perspectiva de que o casamento é parte de sua essência, ou seja, todas nasceram para ter um marido e serem mães. Como forma de mudar essa compreensão, Evaristo inventa a personagem Natalina, do conto “Quantos filhos Natalina teve?”, presente no livro *Olhos D’Água (2014)*, e nos mostra uma tomada de decisão da personagem, que se opõe a essa ótica. Quando engravidou pela segunda vez, Natalina não respondeu às expectativas do pai da criança, que imaginava que formariam uma família. Pelo contrário, deixou claro que não queria ficar com ele, nem queria o filho. Ela toma as rédeas da situação e se opõe à proposta do homem, que, por sua vez, não entende sua recusa: “[...] diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho...” (EVARISTO, 2014, p.46). A escolha de Natalina é um rompimento dos

padrões patriarcais impostos sobre as mulheres, já que ela enxerga o casamento como uma forma de aprisionamento. Logo, a reação do homem é natural dentro desse sistema, pois é ele quem deveria ditar o seguimento da relação e supõe que ela deveria aceitar.

Estes são apenas alguns exemplos, que demonstram a condição que tenta subalternizar a mulher, com pontos de vista que perpassaram gerações, e que foram e ainda são vividos na prática. Isto é, toda essa trajetória tem por base os moldes patriarcais. Nos anos 70 do século XX, o feminismo radical trouxe um conceito de patriarcado que pode ser explicitado como:

Forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre a esposa, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e a reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível. (GARCIA, 2015, p.16-17)

É, portanto, no poder patriarcal que se erguem as desigualdades impostas sobre o ser feminino, geralmente reduzido a uma posse masculina. A objetificação feminina ocorre por meio da dominação masculina, que gera diferentes formas de violência. A violência simbólica é um conceito social elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, segundo o qual “se exerce pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2002, p.7-8). É a partir dela que todos esses aspectos do patriarcado, que hoje contestamos, por muito tempo passaram despercebidos e normalizados pela sociedade, visto que as mulheres estavam inseridas nesse modelo. Portanto, podemos dizer que tinham uma posição de subalternidade, considerando que muitas não questionavam o papel que lhes era atribuído.

A produção literária de Conceição Evaristo “apresenta a partir da sua escrita um discurso que favorece a voz das minorias, a vida no seio de uma comunidade com sonhos, dores e esperanças.” (DIÓGENES; CARDOSO, 2018, p.242) A escritora promove reflexões que perpassam as linhas da violência de gênero e chegam até a busca das mulheres negras por um lugar que seja fora da

subalternidade. Ela mesma, colocando em prática sua escrevivência, distancia-se dessa condição, tendo em vista que “subalterno é aquele que não pode falar” (SPIVAK, 2010, p.16), e, quando faz esse movimento, já não mais lhe convém a posição subalterna.

Deste modo, a autora faz de sua condição de mulher negra, que por fatores históricos e sociais, foi condicionada como subalterna, um meio de representar esse grupo esquecido por muitos. Desde que iniciou sua militância pelo movimento Negro, como estudante, professora e, então, escritora, transformou o fluxo da representação que, comumente, ficava nas mãos de pessoas que não se encaixam como representantes, dá voz a si mesma e às suas iguais. As personagens denunciam a violência e a desigualdade, por mais que muitas estejam ainda condicionadas a viver com o racismo, o machismo, a agressão têm suas histórias projetadas para a geração de consciência de outras mulheres que passam a denunciar, renegar e transmutar a condição de pessoas subalternizadas.

Ainda segundo SPIVAK (2010, p.13-14) subalterno é aquele das “camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.” As pessoas que vivem na condição de subalterno nem sempre podem “questionar os limites representacionais” (SPIVAK, 2010, p.18) e acabam por aceitar a vida imposta a elas, mesmo compreendendo o contexto em que estão inseridas. Isso é perceptível no conto “Duzu-Querença”, presente no livro *Olhos D’Água* (2014). A menina Duzu foi levada para a cidade pelo pai que sonhava com um futuro melhor para a filha. Lá, ela passou a morar com Dona Esmeraldina, que lhe prometeu trabalho e a oportunidade de estudar, sendo que só a primeira promessa foi cumprida. De acordo com Spivak (2010, p.16), observamos que “a fala do subalterno e do colonizado é sempre intermediado por outrem”, como no conto, que a voz de Duzu é nula perante seu pai e D. Esmeraldina (DIÓGENES; CARDOSO, 2018, p. 245). Assim como não tinha escolhido ser levada para a cidade, também não foi escolhida para trabalhar na casa. Quando a personagem não conseguiu visualizar uma forma de vida diferente da que vivia no momento, foi levada a encontrar algo que lhe fizesse “sentir-se livre, não via o sexo como exploração, pelo contrário, naquele momento enxergava apenas como

saída daquela vida árdua e resignada que levava na casa de D. Esmeraldina” (DIÓGENES; CARDOSO, 2018, p.246).

A imagem subalterna da mulher negra no conto de Conceição comprova a violência epistêmica sobre esse corpo, visto como aquele que não pode romper os padrões e sair da condição subalterna. No entanto, possibilita uma nova mirada sobre essa questão, pois a escritora traz à tona essa injusta realidade e é capaz de, pelo menos, ampliar o discernimento dos seus leitores.

3. FEMINISMOS, O PLURAL

3.1 Como tudo começou: um feminismo para o feminino

Todas as questões até aqui discutidas ou fazem parte ou foram construídas para resistir ao sistema patriarcal imposto sobre o corpo e a liberdade das mulheres. Sistema este injusto, que atende aos quereres dos machos e cria visões androcêntricas, que fazem da voz do homem a única relevante. Como escreve Woolf (ano) *apud* Bourdieu (2012, p.8), as mulheres tendem a lidar com

[...] um macho monstruoso, de voz tonitruante, de pulso rude, que, de forma pueril, inscreve no chão signos em giz, místicas linhas de demarcação, entre as quais os seres humanos ficam fixados, rígidos, separados, artificiais. Lugares em que, ornado de ouro ou de púrpura, enfeitado de plumas como um selvagem, ele realiza seus ritos místicos e usufrui dos prazeres suspeitos do poder e da dominação, enquanto nós, 'suas' mulheres, nos vemos fechadas na casa da família, sem que nos seja dado participar de nenhuma das numerosas sociedades de que se compõe a sociedade

A partir desse trecho, percebemos que as questões do masculino e do feminino se constroem sobre forças de dominação social que, se colocadas em uma balança, serão mais pesadas para o lado masculino. O que se traduz em dizer que o homem domina a mulher, o espaço em que ambos estão inseridos, as situações vivenciadas e cabe a ele o poder de usufruir desse status de dominador, enquanto o ser feminino permanece sob a sua jurisdição e somente sobrevive em meio à sociedade, sem desfrutar dela com liberdade. A autora ainda coloca que esse macho demarca as linhas de maneira mística e usufrui desse espaço da mesma forma. O lugar de dominador é tão selvagem quanto grandioso, e o lugar das dominadas não ultrapassa, como forma de caracterização, as paredes de suas casas.

Com o propósito de interromper essa soberania do homem e a repressão por ela causada, o feminismo aparece como um objeto que transforma a visão da mulher sobre si mesma e sobre as condições de vida que lhes são impostas. Partindo disso, leva a consciência de que os direitos de ambos os gêneros devem estar pautados em uma relação de equidade, de acordo com as necessidades de cada um. No entanto, o sistema patriarcal edificado pelos homens, nem sempre aceita a presença do feminismo, pois consideram que a sua existência entra em

conflito com as “regras” do sistema que os mantém no poder, como bem coloca Judite Butler,

Para esse sujeito masculino do desejo, o problema tornou-se escândalo com a intrusão repentina, a intervenção não antecipada, de um “objeto” feminino que retornava inexplicavelmente o olhar, revertia a mirada, e contestava o lugar e a autoridade da posição masculina. (BUTLER, 2003, p.7)

Esse “problema” citado pela autora é a figura da mulher. Partindo desse pressuposto, para os homens, o problema tomou uma proporção maior e se agravou a partir do momento em que passou a olhar para si próprio. As mulheres não mais aceitavam essa posição sem antes questionar a autoridade masculina. Essa mudança aconteceu por meio do coletivo, tendo em vista a percepção da “necessidade política de falar enquanto mulher e pelas mulheres”. (BUTLER, 1998, p.24)

Todavia, temos de levantar algumas questões de representação na luta do feminismo contra o patriarcado, de modo que mesmo a categoria instituída como mulheres tem, dentro do grupo, suas distinções históricas e sociais que merecem atenção. Isto é, o feminismo luta sim pela justiça, liberdade e direito das mulheres na sociedade, mas não é certo dizer que desde sempre ele abarcou as necessidades de todas, tendo em vista que, convivemos com um passado e um presente repletos de problemas com o racismo e a desigualdade social. Sabe-se que as pioneiras do feminismo, nos anos 1650 e 1660, foram mulheres brancas, conhecidas como “preciosas francesas” (GARCIA, 2015, p.32). Segundo Badinter:

Consideradas as primeiras feministas, as “preciosas” – mulheres da aristocracia e alta burguesia, solteiras, independentes economicamente –, defendiam a igualdade entre os sexos, o direito ao amor e ao prazer sexual, o acesso à mesma educação intelectual dada aos homens. Questionando a instituição casamento e os papéis de esposa e mãe como destino da mulher, elas inverteram os valores sociais da época. Apesar de seus opositores, elas conseguiram algumas mudanças (1993, p. 12).

O movimento edificado pelas mulheres, nessas épocas tão longínquas, foi um grandioso avanço para que pudessem, por vontade própria, escolher os rumos que dariam a suas vidas. No entanto, pensando nas discrepâncias causadas, por exemplo, pelo preconceito racial, quando a vítima é uma mulher negra que não só carrega diversos estereótipos racistas sobre seu corpo, como também convive com

a dominação social e econômica, tanto dos homens quanto das mulheres brancas, percebe-se que as reivindicações e as vivências são distintas entre a própria classe. Butler explica que

Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; [...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003, p.33)

Portanto, é necessária a percepção de que, em uma sociedade tão diversificada e um tanto desigual, a noção dos impasses que abarcam o ser feminino é muito mais ampla do que os considerados no início do movimento feminista. Há questões que influenciam a vida das mulheres negras que não podem ser percebidas pelas mulheres brancas, tendo em vista que o modo de tratamento que ambas recebem perante a sociedade é diferente, por esse motivo as brancas não podem ocupar o lugar reivindicatório das negras. Isso se aplica também quando tratamos das mulheres heterossexuais, bi ou lésbicas, visto que, ainda atualmente, a diversidade de orientações sexuais das mulheres não é respeitada, porém muito fetichizada pelo ser masculino.

Apesar de o feminismo poder ser definido como uma “tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo dos homens no seio do patriarcado” (GARCIA, 2015, p.13), por conta das diferenças expostas, o movimento não conseguiu durante muito tempo contemplar todas as mulheres nesses sentidos que definem o seu objetivo. Esta falta de representação, fez com que as mulheres negras tomassem a frente de sua própria vertente do movimento, construindo o chamado Feminismo Negro. É dentro dessa vertente que Conceição Evaristo inscreve suas lutas e sua obra, criando, a partir das palavras, uma nova maneira de promover a resistência das mulheres negras perante uma sociedade que as exclui e tenta, de todas as formas, minimizá-las.

3.2. Feminismo negro e empoderamento

Para tratar sobre as demandas do movimento feminista Negro, temos de considerar algumas adversidades, tendo em vista que as pautas do movimento precisam se ocupar com “o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades” (CARNEIRO, 2013,). Portanto, interpretamos que tem um trabalho com carga dobrada, enfrentando tanto o sistema patriarcal e sexista quanto o sistema racista e o mito da democracia racial.

Se pensarmos nas oportunidades de emprego para as mulheres, encontramos o primeiro obstáculo: a sociedade, mais especificamente, as empresas, exigem uma “boa aparência” ao preencher certas vagas. Esta característica traduz-se, na grande maioria das vezes, no perfil estético da mulher branca, fazendo com que a cor da pele interfira na vida profissional, impedindo que as mulheres negras tenham a oportunidade de encontrar empregos que as propiciem uma ascensão social e econômica. Sueli Carneiro (2003) aponta que as mulheres negras compõem

[...] um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhozinhos e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou mulatas tipo exportação.

As necessidades desse contingente de mulheres foram negligenciadas até mesmo por outras mulheres. Isso é fruto de uma história construída sobre a marginalização do corpo negro feminino, em prol da qualidade de vida do corpo branco feminino, que não se perguntou porque, majoritariamente, as empregadas de suas casas e dos seus locais de trabalho são mulheres negras. Também não se questionou porque suas colegas de faculdade e de trabalho são, em grande maioria, brancas, assim como não pensou em quais os espaços sociais que essas mulheres ocupam, já que não estão compartilhando dos mesmos que os seus. Neste sentido, a intelectual Djamila Ribeiro, em seu artigo “Quem tem medo do feminismo negro?”, articula que “O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque

branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos.” (RIBEIRO, 2018, p.7)

Estes projetos precisam ser respeitados como frutos de uma classe subalternizada que fala por si, que não mais simplesmente permanece no lugar que lhe foi imposto, mas que cruza as linhas das imposições e enxerga os horizontes possíveis de serem vistos e vividos através delas. Temos o nascimento de uma autorrepresentação. Diz-se que esta nova visão da realidade negra feminina gerou o chamado empoderamento, termo que pode ser lido como “a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática” (RIBEIRO, 2019, p.15). Trata-se de perceber sua condição e criar condições para transformá-la. Ademais o empoderamento “se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder.” (SARDEMBERG *apud* BATLIWALA, 2009, p.6)

Na literatura afro-brasileira de autoria feminina, entendendo a linguagem como “mecanismo de manutenção do poder” (RIBEIRO, 2019, p.14), percebemos a função de empoderar a mulher. As escritoras e intelectuais negras propiciam uma reviravolta nas escritas sobre seus corpos, visto que, como Conceição Evaristo, elas têm a oportunidade de falar sobre a forma de vida que lhes diz respeito e que é espelho para uma enorme gama de mulheres negras na sociedade. Fazem refletir sobre uma realidade que era estereotipada e não reivindicatória, mas que atualmente aparece transmutada em um espaço para se perceber as dominações e empoderar-se contra elas.

4. MARCAS E TRAUMAS: VISÍVEIS E INVISÍVEIS

4.1 Violência física

A violência física é umas das grandes questões abordadas na perspectiva literária atual. O tema sempre esteve presente na literatura, como parte de um sistema em que o ato violento do homem sobre a mulher não era problematizado, visto que reproduzia uma visão da sociedade. Hoje, as histórias discorrem sobre o que há de errado neste sistema: as desigualdades de gênero, de quais formas atingem as vítimas e como elas reagem à violação.

Tanto em *Olhos D'Água* (2014), quanto em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), Conceição Evaristo faz o movimento de mostrar a vida como ela é, respondendo aos questionamentos de Constância Lima Duarte:

Como nossas escritoras ignoram um tema tão urgente e palpitante? Em que livros estão as marcas literárias do espancamento, do estupro e do aborto a que cotidianamente as mulheres são submetidas, e os jornais não cansam de noticiar? Refiro-me, naturalmente, à violência Física [...] (DUARTE, 2016, p. 147)

No conto “Aramides Florença”, a mulher Aramides é uma personagem com a história repleta de violências sofridas na relação conjugal. Dentre todas elas (física, psicológica, sexual), a mais cruel é o estupro por parte do marido (estupro marital)¹, que, no desconhecimento de muitos, é menos provável de ocorrer, entretanto, é um ato frequente.

Conceição expressa a dor da mulher que, esperando um filho, sofre com investidas violentas do marido, que ferem sua integridade física: primeiro uma lâmina de barbear aparece sobre os lençóis na cama; depois ele, ao abraçá-la, apaga um cigarro em sua barriga. Os dois eventos, apesar de claros atos propositais de ferir, passaram camuflados por falta de explicação do homem.

As violências cessaram por alguns dias com a chegada do filho, mas o marido não conseguiu esconder o sentimento que lhe tomava e abordou Aramides de maneira possessiva “[...] perguntou a Aramides, quando ela novamente seria dele,

¹ O crime de estupro previsto no art. 213 do Código Penal, perpetrado na constância de uma relação conjugal, ou em outras palavras, o chamado estupro marital, existindo como um inimigo silencioso, em que o marido empreende violência sexual contra sua própria esposa. Fonte: <<https://nuneslaiane.jusbrasil.com.br/artigos/350001719/estupro-marital>>. Acesso em: 19/05/2020.

só dele. A indignação lhe pareceu tão despropositada, que ela não conseguiu responder, embora tenha percebido o tom ciumento da pergunta” (EVARISTO, 2011, p. 15-16).

É notável um desejo de dominação, de posse sobre o corpo da mulher e demonstra-se isso por meio da virilidade sexual. O abuso por parte do homem aparece com um “desejo de não perder, desejo de que as mulheres nada queiram a não ser eles mesmos” (MACHADO, 2006, p.14). Na história, o macho se vê deixado de lado, o que evolui para um ciúme possessivo, até mesmo, do recém-nascido. Neste momento, a protagonista percebe e tenta apaziguar sua insegurança, todavia passa a conviver com medo perto do marido, o que caracteriza uma violência psicológica.

Logo, houve a consumação das violências, mediante o abuso sexual. A cena descrita pela escritora é chocante, pois detalha a dor que Aramides sentiu ao ser abusada logo após dar à luz. Há não só a dor física, mas também a psicológica, por ser tratada de tal maneira pelo homem que escolheu para seu companheiro e pai de seu filho.

A violência sexual perpetuada sobre o corpo da mulher, especialmente, da mulher negra, é um ato consolidado historicamente pela escravidão. Na época, as mulheres, além de receberem os mesmos castigos físicos que os homens, ainda eram submetidas a estupros, que, segundo Davis (2016, p.36), “era uma arma de dominação, uma arma de repressão cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir”.

Nota-se que as violências sofridas pela personagem foram seguindo um ciclo, iniciado por agressões físicas camufladas e possessividade, o que culminou em violência sexual. Inicialmente, Aramides fez o que muitas mulheres em situação de opressão acabam por fazer, ficou em negação dos abusos sofridos, tentou encontrar uma motivação que lhe assegurasse que aquilo era algo isolado, que não viria a se repetir: “*Tudo tinha sido atordoamento de alguém que experimentava pela primeira vez a sensação de paternidade*” (EVARISTO, 2011, p.15). É muito mais difícil encarar a agressão quando advém de uma pessoa que, em tese, está ao lado para proteger e amar. Além disso, essa negação pode estar ligada ao medo de uma represália machista, que poderia resultar em mais agressões.

A ação após o estupro é tão cruel quanto o ato, pois o esturador ainda cobra de Aramides que ela não lhe proporcionou o prazer de sempre e isso a torna um objeto que não serve mais. Ao ler esse trecho o leitor terá uma noção de como a figura da mulher é objetificada e seu modo de agir é devidamente ditado por um sistema machista e hierárquico, dado que, além de violentar e humilhar a mulher, ele ainda se sente no direito de descartá-la, como se fosse seu dever proporcionar prazer mesmo sem consentir com a relação sexual. A partir da história, podemos pensar que tais violações estão distantes da nossa realidade, porém não estão e eram, até certo tempo atrás, legais perante a lei. Considerava-se que era

dever da mulher cumprir o que no Código Civil de 1917, recém-reformado, era chamado de débito conjugal (felizmente abolido no novo Código Civil), ou seja, ceder a uma relação sexual contra sua vontade, a fim de satisfazer o desejo do companheiro (SAFFIOTI, 2011, p. 81).

A obra de Conceição Evaristo faz o trabalho de mover fronteiras. Além de aguçar a imaginação dos leitores, as escritas nos conscientizam de que somos, conhecemos ou vamos encontrar muitas Aramides Florença marcadas por essas violações ao nosso redor. Apesar de todos os estereótipos incumbidos às mulheres negras na literatura brasileira, a escrita feminina vem com um discurso contra-hegemônico, de modo a dissolver os padrões impostos pela sociedade patriarcal. Vemos que, a personagem do conto, apesar de sofrer a violação, seguiu em frente junto ao filho e longe do seu agressor.

Aramides não está na mesma posição social em que muitas mulheres negras são postas: na marginalidade e sem expectativa de mudança de vida (como percebemos no conto “Duzu-Querença”), pois ela era chefe do departamento pessoal de uma empresa, tinha um emprego promissor. No entanto, notamos que a classe social não impede que uma mulher sofra violência, em consequência de que ainda é mais fraca que o homem no que se refere à força física. Logo, ele se aproveita desse fator biológico para poder dominar a relação. A mulher, segundo Bruschini (2009, p. 75), é “subjugada dentro de uma estrutura opressiva e sexualmente assimétrica, como esposa dócil, ociosa”. Sendo assim, diversas vezes a violência acontece porque o homem não aceita se sentir inferior a mulher, pois isso pode ferir sua honra, o que é decorrente do sentimento de superioridade que carrega.

Conceição Evaristo também trabalha com a temática da homossexualidade, trazendo mulheres que notam as diferenças em si mesmas e se deparam com uma sociedade machista e heteronormativa, onde sua orientação sexual torna-se motivo para a violação de seus corpos. Ou seja, ousam justificar a crueldade dos atos com a desculpa de que fazem um favor, mostrando a elas como é ser mulher.

A personagem que simboliza essa violência e a dificuldade das mulheres de se perceberem como lésbicas chama-se Isaltina Campo Belo. Uma mulher que, desde menina, sentia-se no corpo errado e angustiava-se pelo fato de ninguém perceber. O sentimento de que era uma *“estranha no ninho, em que os pares são formados por um homem e uma mulher”* (EVARISTO, 2011, p. 63), fez com que ela se privasse de viver relações amorosas durante toda a sua adolescência, visto que não sentia atração por meninos, mas por meninas. Ainda que tenha tido conhecimento sobre a sexualidade humana, tanto por meio de livros, quanto nas ruas, muito provavelmente eles eram guiados pela visão heteronormativa, o que implica que não haja menção, nem explicação acerca da palavra “lésbica” e seu significado. Sobrinho (2015, p. 88) coloca que

Na verdade, Campo Belo não era um menino em um “corpo errado”, como são os transexuais e as transexuais. Era uma menina homossexual, cuja identidade de gênero permaneceu confusa por muito tempo, devido à violência simbólica imposta pela heteronormatividade, um dos braços do patriarcado.

A personagem resolve então sair de casa e “buscar um mundo que me coubesse” (EVARISTO, 2011, p.63). Dessa forma, mudou de cidade para trabalhar e cursar uma faculdade. Nesta mudança de vida, acaba conhecendo um rapaz que lhe pareceu confiável e assim iniciaram um *“namoro sem jeito, só de palavras e comedidos gestos.”* (EVARISTO, 2011, p.63). No entanto, ela não tem os mesmos desejos que o rapaz e resolve ser sincera com ele sobre como se sentia. A reação do homem comprova a prepotência do macho em relação aos desejos femininos:

Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (EVARISTO, 2011, p. 63-64)

Sobre essa percepção, Sobrinho explica que, “Para o pensamento heteronormativo, o prazer feminino vem em segundo plano e é inadmissível se for experimentado sem que o homem esteja presente como agente ativo” (2015, p. 89). Nessa perspectiva, não há a possibilidade de a mulher sentir prazer sozinha ou com outra mulher, uma vez que é o homem o único que pode prover o gozo. Além disso, o homem se enxerga como aquele que pode ensinar a mulher tudo sobre sexo. A questão é que esses ensinamentos interessam a ele para que ela o sirva da maneira que mais lhe dê prazer, comprovando a reflexão de que a mulher segue sendo objetificada sexualmente. No que se refere à mulher negra, isso é ainda mais vigoroso, tanto que o rapaz insiste na certeza de que ela gosta de homem, justamente por ser negra, já que prevalece sobre ela o estereótipo de sexualização/sensualização: “é fogaosa, é ‘boa de cama’ e tem desejos sexuais mais ardentes que as demais mulheres” (SOUZA; CORDEIRO, 2019, p.123).

O rapaz quis continuar uma amizade com Campo Belo, no entanto, mais tarde, suas verdadeiras intenções foram cruelmente desmascaradas. Convidou-a para sua festa de aniversário, porém o que aconteceu foi um estupro coletivo, onde ele e mais cinco homens a violentaram. “*Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher.*” (EVARISTO, 2011, p.64) Dessa forma, os estupradores tentavam justificar o crime que estavam cometendo, propondo que, se ela fosse deflorada por homens, sua opinião acerca de seus próprios desejos mudaria. Todavia, o que Campo Belo sentia não era uma opinião, mas sua orientação sexual. Ou seja, nenhum homem, mesmo que com o seu consentimento, faria lhe sentir prazer. E o estupro brutal que sofreu serviu para criar na personagem mais feridas, não só no corpo, como na alma: “*Tenho vergonha e nojo do momento. Nunca contei para ninguém o acontecido.*” (EVARISTO, 2011, p.65).

Mais tarde, Isaltina descobriu que estava grávida. O impacto que a violação deixou em sua vida foi tão forte, que ela só percebeu a gravidez no sétimo mês de gestação. Logo, nasceu Walquíria, e a mãe resolveu que precisava de um tempo da vida que levava na cidade e voltou para a casa dos pais. Retornou somente quando a filha já estava em idade escolar, e foi nessa volta que Campo Belo finalmente descobriu sua verdadeira identidade, quando em uma reunião na escola da filha, ela

percebeu que o olhar da professora era insistente em sua direção. Nesse momento, ela se sentiu fortemente atraída e começou a decifrar as várias lembranças de sua infância, adolescência e da violência que sofreu. E desse modo, compreendeu-se:

Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar da moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. [...] E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferentes de todas que ali estavam. (EVARISTO, 2011, p.66-67)

Isaltina conseguiu se libertar das dúvidas sobre sua sexualidade e se permitiu viver um amor com uma semelhante. A personagem acabou percebendo que todo o tempo que passou confusa sobre ser menina ou menino, ela apenas era homossexual, lésbica. Desse modo, conseguiu preencher as lacunas internas que vinha carregando desde a infância, autoafirmando-se como mulher.

Conceição Evaristo faz de sua escrita revolução, como é notório no decorrer deste conto. Cria uma personagem que consegue se desvencilhar dos estereótipos instituídos pelos homens brancos sobre as mulheres negras, principalmente em relação à sexualidade. Quebra o discurso do rapaz que estuprou Isaltina, com o amor construído pelas duas mulheres ao final do conto e, ainda, rompe as barreiras da família tradicional, constituindo um modelo familiar distinto do consagrado: um casal de mulheres e uma filha. Como afirma Cordeiro e Barbosa (2015, p. 12):

[...] a escrita de Evaristo apresenta-se como uma proposta de positivizar, enaltecer, dignificar personagens que historicamente sempre foram colocadas à margem e quando estavam presentes na literatura canônica eram sempre tratadas com menosprezo, ridicularizadas, condenadas e colocadas no ostracismo.

A aceitação de sua identidade é um fator determinante para o seu bem-estar físico e psíquico, fazendo com que a mulher, muito exposta às violências e à solidão, percorra o caminho do empoderamento. Isaltina é somente uma entre tantas que passam anos sem conseguir compreender seus desejos. E como ela, muitas sofrem violência física/sexual e não sabem como lidar com a dor. Faz-se necessário uma literatura que dê voz às mulheres lésbicas, pois uma leitora pode reconhecer o

sentimento da personagem também como seu. Assim, ela é capaz de trilhar um caminho menos árduo para descobrir e aceitar sua própria identidade.

Outra personagem que se encontra grávida após um estupro é Natalina do conto “Quantos Filhos Natalina Teve?”. Ela já havia engravidado outras três vezes, porém não quis ficar com nenhum dos filhos: o primeiro doou para a enfermeira do hospital onde deu à luz; o segundo deixou com o pai; o terceiro foi gerado para sua patroa que não conseguia engravidar. Somente na quarta gravidez, que ocorreu de maneira chocante, é que ela realmente sentiu-se pronta para criar o filho.

Certa noite, chegaram em sua casa três homens à procura de um irmão que ela nem tinha. A mulher foi levada para um mato e lá foi violentada por um deles. Natalina sentia medo e ódio, suas palavras refletem o sentimento: “Ele gozou feito um cavalo em cima de mim” (EVARISTO, 2014, p.50), e foi se aproveitando do sentimento de raiva que ela conseguiu reagir à agressão. Quando o homem adormeceu ao seu lado, ela sentiu sua arma no chão e não exitou: “O movimento foi rápido. O tiro foi certo [...]” (EVARISTO, 2014, p.50), matou o agressor e fugiu.

A personagem não deixou que nenhum padrão social lhe ditasse como deveria agir em relação à maternidade. Nas três primeiras vezes em que engravidou, Natalina não enxergou os filhos como seus, mas, na quarta vez, ao matar o estuprador, decidiu que essa gravidez “não lhe deixava em dívida com pessoa alguma [...] Agora teria um filho que seria só seu” (EVARISTO, 2014, p.48-49). De reação em reação, a mulher atinge a felicidade, com um filho, como ela mesmo diz “que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte” (EVARISTO, 2014, p.50).

Partindo desse pressuposto, é interessante o que dizem Diógenes e Cardoso (2018, p.252) acerca da maneira como a personagem encarou a violência e como isso implica na representação da mulher que se retira da subalternidade:

[...] o corpo subalterno da mulher negra, apresenta-se de forma dispar, pois Natalina não se coloca no lugar de vítima por ter sido estuprada, pelo contrário, ela vê na dor a possibilidade de renascer e recomeçar uma nova vida, mantendo a tutela do seu corpo sem dívidas com ninguém.

Comparando as histórias das personagens Natalina e Isaltina Campo Belo, observamos que ambas respondem à violação de seus corpos transformando o sofrimento em motivação para seguir em frente. Isaltina consegue, finalmente,

reconhecer-se como uma mulher lésbica e livrar-se do sentimento de culpa que carregava desde o estupro. Natalina mostrou sua coragem ao se defender do algoz e, sobretudo, coragem de levar adiante uma gravidez, que, apesar de indesejada, descortinou um instinto maternal que lhe fez querer aquele filho, por julgar ser somente seu.

A violência sexual é tema constante na escrita de Evaristo. O leitor se depara com várias formas que o crime pode ser nomeado, todas extremamente nocivas à vida de quem sofre. Ademais, a escritora aborda o estupro de vulnerável, que diz respeito à “ideia de pessoas que não detém aptidão psicológica para compreender o caráter lascivo do ato sexual ou sequer possuem condições mínimas de normalidade psíquica para manifestar livremente seu desejo quanto a prática da relação sexual” (SÁ, 2019, p.6). Neste sentido, conhecemos as personagens Seni, do conto “Shirley Paixão”, e Duzu-Querença, o nome da personagem é também título do conto.

Em “Shirley Paixão”, o pai estuprava a filha mais velha, Seni, fruto de seu primeiro casamento, sem que sua esposa atual, Shirley, e as outras filhas desconfiassem. Mais uma vez, como em Aramides Florença, o abuso acontece dentro do âmbito familiar.

O silenciamento da personagem Seni “expressa o retrato das vítimas de estupro incestuoso, pois, cercadas pelo medo, se isolam socialmente, indiciando que alguma coisa na criança está desconforme com a normalidade” (SEVERIANO, 2018, p.84). A personagem do conto, com doze anos apenas, cercava as irmãs com um “*excesso de cuidado e gestos de proteção*” (EVARISTO, 2011, p.29). Ela sabia que não estava segura naquele lar e que esses abusos ocorriam por conta de sua fragilidade de criança e, diante disso, provavelmente, temia que as irmãs menores passassem pela mesma situação em algum momento. Porém, não é fácil identificar a motivação desse comportamento quando não se tem noção da violência sofrida, visto que

A violência contra crianças e adolescentes apresenta-se sob diversas formas, tanto que, ao se verificar um sintoma ou sinal isolado, não é possível afirmar a sua origem. É fundamental um olhar atento e crítico ante os problemas identificados – seja de ordem física, sexual ou emocional –, procurando a sua correlação com o relato da possível vítima. (RUZANY, MEIRELLES, 2009, p.57)

A menina nunca contou para ninguém o que o pai fazia com ela. No entanto, o seu modo de agir, de fazer as coisas, a autocensura e as cobranças foram amostras de que algo não corria bem, visto que era uma criança que carregava as responsabilidades de um adulto. Saffioti (2011, p.22-23) aponta que a vítima julga não ter como escapar: “entrar em uma luta corporal com o pai só pioraria as coisas. Primeiro, não podendo medir forças com um homem adulto, [...] segundo, poderia perder a vida. A rigor, não havia saída. [...] Ela é, indubitavelmente, vítima e como tal concebe”. Isso culmina no sentimento de que ela precisa salvar sua família das garras do seu algoz. E, no conto, isso transparece no cuidado da menina com Shirley e as irmãs.

Foi na escola que surgiram as primeiras dúvidas sobre o comportamento de Seni. Isso demonstra como é importante a educação sexual dentro do espaço escolar, pois é algo que pode interferir no modo como a criança encara a violência e fazer com que ela sinta segurança para denunciar. Ao contar para o pai de Seni sobre a conversa com a professora, Shirley notou a revolta do homem e o ódio com o qual mirou a filha. Quando ele desconfiou que poderia perder o posto de dominador de qualquer relação, recorreu à violência e ameaças para manter-se na posição. Em sua concepção, ele tem “o direito de aplicar as medidas que considere necessárias para preservar e reforçar sua autoridade, conservar sua posição sobre a esposa e filho e manter a unidade familiar, fundamentada no medo” (CUNHA, 2007, p. 15). A partir disso, nota-se que os atos que ele cometeu mais tarde são alicerçados nessa precisão de manter sua autoridade. O homem atacou a criança de forma violenta, e a narração dos fatos traduz os sentimentos que ambas as partes sentiam naquele momento:

[...] puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava para os fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos. Naquela noite o animal estava tão furioso – afirma Shirley, chorando – que Seni, para sua salvação, fez do medo, do pavor, coragem. E se irrompeu em prantos e gritos. (EVARISTO, 2011, p.31)

O grito que Seni conseguiu soltar foi o que lhe salvou de mais uma violação. Esse grito pode ser, metaforicamente, considerado o som de resistência das mulheres negras perante a violência. Foi com sua voz que a menina mostrou a todos a crueldade com a qual era tratada pelo próprio pai. É por meio da voz que as

mulheres negras se fazem ouvir umas às outras. E Shirley ouviu Seni. A mulher reage contra o agressor com o intuito de salvá-la. Essa atitude contra a ação do homem faz com que o leitor pense em como a violência física contra o sexo masculino, geralmente, acontece como forma de proteção. Ou seja, a mulher só se direciona ao homem violentamente quando precisa que ele pare de violentá-la ou a outra pessoa. Isso, além de constituir a imagem subalterna da mulher que sofre a dominação masculina, transparece a sua força e insubmissão perante um sistema que diz que ela deve permanecer calada e aceitar o porvir. Ao intervir, Shirley transmitiu a sua força para a menina e suas irmãs. Isso as uniu cada vez mais e fez com que o destino de todas as mulheres da família passasse por transformações, que, ao final da história, demonstraram uma consolidação nas relações: “*A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta.*” (EVARISTO, 2011, p.34) Ou seja, a união atravessa as gerações para enfrentar e superar as barreiras criadas, um dia, por alguém que não entendia, nem fazia parte daquela irmandade.

No que se refere à personagem Duzu-Querença, há alguns aspectos da violência sofrida por ela que se diferem do ocorrido com Seni, que estava em um ambiente familiar, o qual deveria ser uma zona de amor e segurança. Já Duzu estava inserida em um espaço marginalizado, propício às violências. Outra diferença é que, aos olhos ingênuos de Duzu, o ato sexual acabou normalizado por conta de sua condição e a própria percepção de que não poderia ter uma vida diferente: o sexo, para ela, era “estranho, mas era bom” (EVARISTO, 2014, p.33). A falta de consciência de que sofria exploração sexual fez com que Duzu visse o ato sexual como uma forma de se libertar dos outros abusos que vivia, tais como, no início, a exploração de sua força de trabalho como empregada da casa e os transtornos psicológicos que lhe acompanharam para o resto de seus dias. Bell Hooks, em seu artigo *Intelectuais Negras*, afirma que a “aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Como símbolo sexual os corpos femininos negros são postos numa categoria em termos culturais tida como bastante distante da vida mental”. (HOOKS, 1995, p.469)

Quando compreende esse modo de vida, Duzu segue a profissão de prostituta, agora em outras zonas da cidade. Essa vivência levou-a a conhecer

outras formas de exploração: “Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. [...] Habitou-se à morte como uma forma de vida.” (EVARISTO, 2014, p.34) Ou seja, o abuso que Duzu sofreu, passou como despercebido aos olhos dela e da sociedade, pois a exploração do corpo da mulher é comercializada, muitas vezes ainda na infância.

Comparando as histórias de Seni e Duzu, percebemos que a violência sexual sofrida é mirada por ambas de diferentes formas, o que contribuiu para que o destino que as sucedeu tenha sido, do mesmo modo, distinto. Direcionando o olhar sobre Seni, é notório que o acolhimento recebido de Shirley e as irmãs fez toda a diferença para transformar o trauma sofrido em algo positivo. Essa união das mulheres da família foi crucial no modo como a violência foi sendo superada, visto que quando adulta, Seni continuou cuidando de outras crianças ao seguir a profissão de médica pediatra.

Já em se tratando da menina Duzu, o desfecho foi tão cruel quanto o próprio abuso, levando em conta a realidade que permeava a personagem. Desde sempre teve de se submeter a outras pessoas sem ter a quem recorrer para tentar modificar a vida que levava e, desse modo, encarou as tantas violações normalizando-as, pois lhe foi arrancada qualquer perspectiva de que poderia vir a ter outras escolhas no futuro. Logo, essas experiências conduziram Duzu para outras casas em que também teve o corpo comercializado e, quando não serviu mais, findou sua vida nas ruas da cidade como mendiga.

Todas essas vivências de violação que as personagens femininas negras sofrem no decorrer das histórias tem um propósito. Elas são reproduzidas todos os dias na realidade: em outras casas de prostituição, com outras famílias, em ruas diferentes, com outras mulheres. A violência muda de pessoa e endereço, mas sempre se faz presente na condição de desigualdade e superioridade do homem sobre a mulher.

Os contos até aqui analisados trataram todos acerca da prática do estupro, mas há também outra personagem que enfrenta os percalços da vida de mulher negra, favelada, que sustenta os filhos sozinha com seu trabalho de empregada doméstica. Ela é Maria, protagonista do conto de homônimo. A história acontece

quando Maria está voltando do trabalho para casa e o ônibus em que está é assaltado por um homem que ela reconhece como sendo o pai de um de seus filhos.

É a partir desse encontro que Maria acaba sofrendo as consequências do racismo e do sexismo existentes na sociedade: ela é cruelmente xingada e espancada pelos outros passageiros, que julgaram que ela estava em complô com os bandidos por não ter sido roubada como eles. Desse modo, não mediram consequências, nem se interessaram por quem ela realmente era, mesmo com a súplica do motorista do ônibus que tentou interferir dizendo que conhecia a mulher, que era uma trabalhadora que todos os dias, no mesmo horário, tomava o ônibus. Antes de espancarem Maria, as outras pessoas agrediram-na de forma verbal. Nota-se que em todos os xingamentos que direcionaram a ela, utilizaram o termo “Negra”, com uma conotação pejorativa como se vê em: “Ouviu uma voz: negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois” (EVARISTO, 2014, p. 41); “A primeira voz, a que acordou a coragem de todos tornou-se um grito: aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões” (EVARISTO, 2014, p. 42) e “Olha só que, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher” (EVARISTO, 2014, p. 42).

O emprego da palavra “Negra”, nessas falas, relaciona a cor da pele da mulher com o universo da criminalidade, algo que se constituiu com a escravidão e, a partir dela, se consolidou com uma sociedade que continuou a perpetuar atos e falas racistas. Nesta visão, as mulheres são mercadorias e podem ser tratadas de maneira qualquer. De acordo com Gomes (2005, p.43), “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as).” Essa identidade negativa que carregam faz com que todos e todas sejam julgados com os mesmos estereótipos. Por esse motivo, as pessoas que estavam com Maria, no meio de transporte, puseram-na como cúmplice dos bandidos.

Na representação da construção da identidade de Maria[s], percebemos bem a conexão entre diferença e poder no processo de estereotipagem, uma vez que não cabe à mulher negra o direito de questionar os seus agressores, de se defender da culpa imputada e ela. Maria é prisioneira do ciclo do poder a quem cabe obedecer quem o detém. Não houve defesa e contra-argumento. Maria é punida, é dilacerada, é fragmentada, é cindida

como o que sempre coube e ainda cabe à mulher negra. (AZEVEDO; MELO, 2017, p.109)

Junto aos discursos racistas, geralmente estão os sexistas, que reproduzem a deturpação da imagem da mulher através de termos como “puta” e “safada”. Maria teve de ouvir calada a voz de pessoas desconhecidas, ferindo sua integridade moral e sua identidade como mulher Negra. Por último, foi morta pelas mãos delas. O desfecho da história demonstra como é tênue a linha entre a vida e a morte quando se trata dos negros e negras, assim como a ultrapassagem dessa linha acontece, muitas vezes, pela ação covarde dos ditos cidadãos de bem, que se acham no direito de julgar, ofender e até matar.

4.2 Violência psicológica

Outro tipo de violência que está atrelada às histórias escritas por Conceição Evaristo, e que é tão grave quanto a física, é a violência psicológica. Esta, por sua vez, não diz respeito às agressões que ferem o corpo da pessoa, mas àquelas que, segundo a Lei nº 11.340, Lei da Maria da Penha,

cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2006, p.16).

As vítimas podem desenvolver traumas e fobias para a vida toda, o que, sem dúvidas, atrapalha o seu desenvolvimento pessoal e profissional. O mais perigoso é que existem muitos casos em que a mulher não encara tais danos como violência, pois é algo que foi consolidado por outro tipo, chamada de violência simbólica, que geralmente está ligada à psicológica.

Nos contos de Evaristo, essas violências estão postas de maneira que o leitor logo as identifica e, desse modo, “o lugar de mero ouvinte é desautorizado. Nesta literatura/cultura, a palavra que é dita reivindica o corpo presente.” (WERNECK, 2014,p.14) É preciso que, ao ler a obra, a pessoa esteja preparada para sair da sua zona de conforto e adentrar em um espaço desconhecido ou, talvez, despercebido, considerando que passe por tais sujeições sem que repare.

O conto “Ana Davenga”, do livro *Olhos D’Água* (2014), exemplifica a violência simbólica que permeia a psicológica, fazendo com que a personagem não saiba que a sua vivência é atravessada por elas. Ao escolher viver ao lado de um assaltante e homicida, Ana assume o discurso próprio da violência simbólica, pois ela tem as perspectivas limitadas e não enxerga uma forma de vida distinta. Conforme Figueiredo

[...] a vítima da violência simbólica não tem consciência do poder ao qual está sendo subjugada, ao contrário, por vezes sente um misto de temor e afeto pelo agressor. Quando o agressor pertence à sua intimidade (o companheiro, o marido, o filho, os pais, o irmão[...]) a vítima recebe a agressão como proximidade afetiva (2009, p.45).

A agressão simbólica e psicológica de Davenga sobre Ana, é, como aborda Figueiredo, vista por ela como afeto. Isso é exemplificado nos trechos em que Ana conta que Davenga permanece fora de casa por muitos dias, sem dar notícia, mas que não deixa que falte nada a ela, provê o sustento por meio de seus companheiros. Ela enxerga isso como algo bom, pois *“não estranhava nada”* (EVARISTO, 2014, p.26), mas, admite a preocupação de que algo ruim aconteça com ele. Convive com a preocupação de que talvez o marido não volte para casa.

Outra situação identificada na história dos dois é a de que, nos momentos de prazer, Davenga chorava: *“E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada”* (EVARISTO, 2014, p.23). A expressão de dor reporta a mais uma violência, pois, em um momento em que Ana deveria ter o direito de sentir prazer, é o sentimento de culpa e angústia que toma conta dela. Nota-se que ela não fez nada de errado para que se sentisse mal, no entanto, para ela, é seu papel promover momentos de prazer para o seu homem. Esse ponto de vista é cruel para a saúde mental dos indivíduos do sexo feminino, sendo disseminado desde muito tempo pelas normas do patriarcado, tanto que está inconscientemente preso ao ponto de vista da mulher, quando ela encara o ato como um dever.

Ana também é exposta à violência sexual, pois conta que *“Um dia pensou em se negar para não ver Davenga chorando tanto. Mas ele pedia, caçava, buscava”* (EVARISTO, 2014, p.23). Reparamos que a personagem, ao tentar se negar a ter relações sexuais, é persuadida por ele até ceder. Mesmo que não utilize de violência física para conseguir o que quer, faz o uso de uma *“indução psicológica com fins sexuais”* (CARDOSO; SILVA, 2017, p.70), aproveitando-se da sensibilidade dela em relação ao seu gozo-pranto.

A sociedade está repleta de Anas e Davengas; mulheres submetidas à violação de seu estado emocional e, por conta disso, de seus corpos. Homens persuasivos, cientes de seu poder de dominação sobre elas e que não enxergam problema em sujeitá-las a seus propósitos soberanos. O conto acaba de maneira trágica, com a morte do casal e do filho que Ana esperava por policiais que entram violentamente na casa. Ela, vítima de uma relação repleta de violências simbólicas,

morais e psicológicas; e ambos, vítimas da violência policial que toma as favelas e não faz questão de saber quem é bandido e quem é inocente, somente julgam ter o direito de matar, como se isso fosse a fórmula para acabar com a criminalidade por completo.

No que diz respeito a personagem Salinda, do conto “Beijo na Face”, também presente na coletânea Olhos D’Água (2014), temos uma mulher que representa uma figura exposta ao constante controle do marido, o qual passa a persegui-la ao desconfiar que ela está tendo um caso. No conto, Salinda descobre um novo amor e, a partir disso, acaba descobrindo sentimentos e prazeres completados por uma “igual” a ela, ou seja, outra mulher. O marido contrata um detetive para segui-la e violenta psicologicamente a mulher ameaçando suicidar-se, matá-la ou tomar os filhos dela. Para Gomes (2017, p. 102), “A protagonista não possui nenhuma sequela física que possa auxiliar em uma denúncia contra o marido. Tal fato acaba por dificultar a tomada de decisão da vítima, que se sente acuada e sem amparo”. Aqui está exposto um dos grandes impasses para as vítimas de violência psicológica, o fato de que a denúncia se torna muito mais complicada por não apresentar hematomas e, por esse motivo, resta a elas aguentar e pensar maneiras de se esquivar, assim como faz a personagem: “[...] sondava terreno, procurava saídas. Aos poucos, foi se fortalecendo, criando defesas, garantindo pelo menos o seu espaço íntimo” (EVARISTO, 2014, p.53).

O homem crê ser proprietário da mulher e em razão disso “A vigilância sobre seus passos pretendia, se possível, abarcar até seus pensamentos”. (EVARISTO, 2014, p.52). Esse controle doentio advindo do marido resultou em uma verdadeira perseguição pois, “[...] Além da ida ao trabalho, Salinda não podia sair só. Os filhos, sem saber, tinham sido transformados em vigias da mãe. A viagem de regresso, que ela fez sozinha, foi controlada desde o momento em que deixou a casa da tia” (EVARISTO, 2014, p.53). E em certas ocasiões nem essa vigília constante era suficiente, já que “[...] quando qualquer desconfiância acontecia, o marido aplicava as suas táticas interrogativas. As crianças eram conclamadas a falar exaustivamente sobre o passeio” (EVARISTO, 2014, p.55). Portanto, vê-se que Salinda vivia uma relação regulada pela possessividade do homem, o que se estendeu para o vínculo

que tinha com as crianças, que não conseguiram também se esquivar do ciúme do pai.

A hostilidade contra Salinda começou de forma sutil, com perguntas maldosas e evoluiu para perseguição, porque nem os filhos escapavam das interrogações do pai. Práticas como essas são recorrentes com pessoas que sofrem esse tipo de violência e rapidamente todos que estão a sua volta são transformados em olheiros, sem nem mesmo perceber, como ocorreu com as crianças. Além disso, o marido contratou um detetive particular para seguir os passos da mulher. Desse modo, ela se tornou praticamente prisioneira e a vigilância acabou por restringir o seu direito de ir e vir, o que é uma das características da violência psicológica.

O desenrolar do conto apresenta a relação extraconjugal de Salinda com outra mulher, alguém vista como sua semelhante, capaz de lhe apresentar um amor que precisava desabrochar não como os outros já vividos por ela, proclamados para que todos soubessem, mas sim, de maneira calma, sem ostentação. Tal amor *“pedia o direito de amar, somente”* (EVARISTO, 2014, p.52). Essa relação homoafetiva demonstra

O olhar inovador da autora de “Beijo na face” sobre a sexualidade da mulher negra, apresentando a personagem Salinda por uma matriz distinta daquela propagada pelo senso comum. A mulher negra aqui não é mais o corpo que se entrega ao prazer masculino, mas sim o sujeito que vai em busca de sua realização afetiva ao lado de uma outra mulher. (MESQUITA; DIAS, 2017, p.170)

Salinda se opõe aos padrões de sexualidade que são impostos às mulheres negras. Pode-se afirmar que ela e a personagem de outro conto já analisado, Isaltina Campo Belo, apresentam essa característica em comum, pois ambas acabam construindo uma relação lésbica, encontrando a felicidade com seus pares. Além disso, superam todas as violências que foram acometidas fisicamente e psicologicamente.

O desfecho de “Beijo na Face” se dá quando o marido, por meio de suas investigações, descobre a traição de Salinda e ameaça lutar pela guarda dos filhos. A personagem mostra sua insubmissão ao poder do homem, empoderando-se não só como uma mulher negra e lésbica que se nega a ser somente um objeto sexual, mas também na busca por uma relação em que ela possa se sentir completa.

Outro conto que aborda a violência simbólica e psicológica é o “Natalina Soledad”, da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). Na história, a personagem experimentou o desprezo da família somente por ter nascido mulher. A primeira externalização disso se dá com o nome que o pai escolhe para ela: Troçoléia Malvina Silveira. A criança só herdou o Silveira no sobrenome, porque a “ausência desse indicador familiar poderia levantar suspeita de que algo desonroso manchava a autoridade dele.” (EVARISTO, 2011, pg 20-21). Nesta perspectiva, percebemos que a personagem sofreu de misoginia, que é definida por Ferrer Pérez e Bosch Fiol (2000, p.14):

O termo misoginia é formado pela raiz grega “miseo”, que significa odiar, e “gyne” cuja tradução seria mulher, e se refere ao ódio, rechaço, aversão e desprezo dos homens contra as mulheres e, em geral, a tudo relacionado ao feminino. Esse ódio (sentimento) tem frequentemente uma continuidade em opiniões e crenças negativas sobre a mulher e o feminino e em condutas negativas contra elas. (Tradução nossa)²

O pai, após ter tido seis filhos homens, não aceitava que de sua “rija vara” poderia ter saído uma mulher. Isso feriu profundamente sua masculinidade e fez com que ele passasse a desconfiar e rejeitar sua esposa. Esta, por sua vez, por conta do desprezo do marido, fez o mesmo com a filha. A reação do pai de Natalina é claramente provida do machismo que assombra as vidas femininas. Ele, como homem dominador de todas as suas relações, sentia-se menos homem ao ter uma filha mulher e é, nesse ambiente familiar, que Natalina passa pelo primeiro desdobramento misógino. Portanto,

[...] é viável pensarmos na instituição familiar como uma estrutura sistêmica que comporta determinadas relações de dominação. Por exemplo, dos pais para com os filhos, e do marido para com a mulher. Essas relações de dominação têm a sua base em uma sociedade historicamente patriarcal, que, ainda na contemporaneidade, sofre com os fortes traços do machismo, desde as posições de poder que são minimamente ocupadas por mulheres ou em relações abusivas que oprimem a mulher. (LIMA; MELO, 2018, p. 306)

A família de Natalina segue esse modelo imposto pelo patriarcado, tanto em relação aos filhos, quanto no que diz respeito ao tratamento do homem para com a

2 El término misoginia está formado por la raíz griega “miseo”, que significa odiar, y “gyne” cuya traducción sería mujer, y se refiere al odio, rechazo, aversión y desprecio de los hombres hacia las mujeres y, en general, hacia todo lo relacionado con lo femenino. Ese odio (sentimiento) ha tenido frecuentemente una continuidad en opiniones o creencias negativas sobre la mujer y lo femenino y en conductas negativas hacia ellas.

esposa. Esse padrão instituído é, por si só, misógino, visto que a hierarquia já impõe que a mulher é submissa e inferior ao homem. Todas essas imposições sobre o ser feminino fazem aumentar a violência de gênero e, em consequência, a violência psicológica e física. Em se tratando da protagonista do conto, nota-se essa violência na tentativa de inferiorizá-la com a escolha do nome. No entanto, mesmo com o esforço dos pais para envergonhá-la, ela não o nega, e sempre que alguém tenta chamá-la por Silveirinha, como forma de minimizar o impacto, ela corrige, pronunciando-o completamente.

Natalina encontra uma maneira de resistir a indiferença dos pais para consigo: *“Cultivar um sentimento de desprezo pelos pais, na mesma proporção em que eles não lhe ofereciam nenhum abraço de resguardo, se tornou, para a menina Silveira, um modo de ataque e defesa”* (EVARISTO, 2011, p. 22). Dessa forma, ela experimentou durante toda a vida a solidão de uma pessoa rejeitada, alguém denominada como Troçoléia para ser vista como uma “coisa”, um “troço”, não como um ser humano. Privou-se de todos os tipos de relações, tendo somente um propósito: Inventar para si outro nome. Somente aos trinta anos foi que resolveu que era a hora certa para isso. Seu novo nome passou a ser Natalina Soledad. Mais uma vez, nota-se que o nome diz respeito à maneira como ela se sentia, “Soledad”, uma mulher solitária, que se tornou hostil e despreocupada com as relações por culpa da coisificação sofrida dentro do ambiente familiar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo construído acerca das histórias dos dois livros nos permite responder à pergunta que aparece no título do texto de Spivak: “Afinal, pode o subalterno falar?” Se a condição subalterna da mulher negra na sociedade tenta fazer com que não lhe seja permitido ter voz para se distanciar dessa posição, mostramos que tal estado não é imutável, pois, com as vidas-resistências que Conceição cria em sua ficção, é notório que elas podem deixar de ser representadas e por si só se autorrepresentem.

A obra de Conceição Evaristo apresenta as guerreiras do cotidiano, a base de uma resistência que, pouco a pouco, vai se unificando, aquelas que não têm medo de enfrentar os perigos impostos por uma sociedade excludente e violenta. Ao abordar as violências sofridas pelas personagens, a escritora denuncia a forma cruel que muitas mulheres são obrigadas a levar suas vidas, convivendo com a invisibilidade da violência simbólica, as marcas das agressões físicas e o medo causado pela violência psicológica, que mexe com o que temos de mais profundo: os sentimentos e a racionalidade.

Além de novas escolhas no campo profissional, essas mulheres estão cada vez mais abertas a se reconhecerem em novos perfis antes invisibilizados pelos estereótipos de sensualidade e sexualidade, que lhes apartavam das relações que não fossem baseadas no “pecado”. A partir do momento em que passaram a se autorrepresentar muitas puderam assumir suas verdadeiras identidades, como, por exemplo, a homossexualidade. Por conta da hiperssexualização, ela teve de se manter em estado de inexistência, mas existe e deve ser encarada como um direito tal como qualquer outro. Nos livros de Conceição, temos a presença de personagens lésbicas que, embora tenham sofrido violações, acabaram assumindo sua orientação sexual. Portanto, ainda que haja muitos percalços no caminho desse grupo marginalizado, com o passar do tempo e com a inserção social, profissional e intelectual, nota-se que vão conseguindo ocupar os espaços comuns, dos quais nunca deveriam ter sido privadas e, do mesmo modo, ser e estarem no mundo da forma que melhor lhes cabem.

O reconhecimento da existência de um sistema que oprime e precariza o modo como a sociedade concebe as mulheres negras torna mais realizável uma transformação, tendo em vista que uma consciência começa a ser criada e reações são construídas. Dessa forma, as pessoas passam a compreender que seus direitos estão previstos na lei, foram conquistados por meio de muita luta e desobediência por suas antecessoras. Tal noção serve de impulso para que aqueles que ainda vivem em um mundo onde a superioridade do branco sobressai o negro não sejam ouvidos, mas reeducados.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Natanael Duarte; MELO, Iran Ferreira. **A construção do Feminino em “Olhos D’Água”, de Conceição Evaristo**: Uma análise de performances Pós-Identitárias de Gênero. *Línguas e Letras*. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Vol.18, Num. 40, 2017.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a Identidade Masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BATLIWALA, S. (1994). “**The meaning of women’s empowerment**: new concepts from action”. In. G. Sen, A. Germain & L.C.Chen (eds.), *Population policies reconsidered: health, empowerment and rights*, pp.127-138. Boston: Harvard University Press.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**/Pierre Kühner. - 11° ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.

Brasil. Lei Maria da Penha (2006). **Lei Maria da Penha e Legislação Correlata**. – Brasília : Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2011. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496319>. Acesso em: 14/07/2020.

BRUSCHINI, Cristina. **Teoria crítica da família**. In: Azevedo, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira (Orgs.). *Infância e violência doméstica: fronteiras de conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da Identidade. Tradução Renato Aguiar. - Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Fundamentos contingentes**: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.

CARDOSO, Sebastião Marques; SILVA, Elen Karla Souza da. **Representações da violência no conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo**. *Revista da Anpoll* nº 43, p. 59-74, Florianópolis, Jul./Dez. 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Geledés. 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 12/04/2020.

CORDEIRO, Hildalia Fernandes Cunha; BARBOSA, Julio César. **A escrita negra feminina e lesboafetiva de Conceição Evaristo no conto Isaltina Campo Belo**. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 4., 2015, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Realize, 2015, p. 1-15.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O Preço do Silêncio**: mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 26, p. 13-71, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/7380>. Acesso em: 05 ago. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DIÓGENES, Samea Rafaela Lopes da Silva; CARDOSO, Sebastião Marques. **Representação do corpo subalterno da mulher negra em contos de Conceição Evaristo**. Revista Textura. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. v. 20 n. 44, set/dez. 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Marcas da violência no corpo literário feminino**. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (org). Belo Horizonte: Idea, 2016.

DUARTE, Eduardo Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. LITERAFRO. 2008.

_____. **Literatura Afro-brasileira**: um conceito em construção. LITERAFRO. 2007.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parencças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016

_____. **Olhos d'água**. 1ed. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação biblioteca Nacional. 2014.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2011.

_____. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

_____. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

FERRER PÉREZ, Victoria A.; BOSCH FIOL, Esperanza. **Violencia de género y misoginia**: reflexiones psicosociales sobre un posible factor explicativo. In: Papeles del Psicólogo, n. 75, 2000, p. 13-19, Consejo General de Colegios Oficiales de Psicólogos. Madrid, España.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos *Cadernos Negros***: autoria e representações. Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Letras Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Belo Horizonte. 2009.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. Claridade/ 3º edição, 2015.

GOMES, Elisângela Oliveira. **A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro**. Dissertação. Programa de pós-graduação em Letras: Estudos literários – Teorias da Literatura e Representações Culturais. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2017.

GOMES, Heloisa Toller. **Prefácio**: "Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro". In: EVARISTO, Conceição. *Olhos D' Água*. 1ed. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação biblioteca Nacional. 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. BRASIL. Ministério da Educação (Org.). *Educação anti-racista*: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03. Brasília: SECAD, 2005.

GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura**. 2ª edição. São Paulo: Moderna, 2004.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. Estudos feministas. Rio de Janeiro. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n, 2, p-464-469, 1995.

LEITE, Viviani Cavalcante; NOLASCO, Edgar César. **Conceição Evaristo**: escrituras do corpo. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V.05, ed. especial, mai.,2019, artigo nº1566. Foz do Iguaçu/PR.

LIMA, Ana Carla da Silva; MELO, Henrique Furtado de. **Em nome da violência: uma leitura de Natalina Soledad, de Conceição Evaristo**. REVELL - v.3, nº.20 – dezembro de 2018.

LIMA, Juliana Domingues de. **Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'**. NEXO. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99> Acesso em: 04/05/2020.

MACHADO, Lia Zanotta. **"Violência doméstica contra as mulheres no Brasil**: avanços e desafios ao seu combate". In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Cartilha Violência Doméstica**: Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica. Brasília: Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos. 2006. p.14-18.

MESQUITA, Lucimara Grando; DIAS, Rafaela Kelsen. “**Ana Davenga**” e “**Beijo na face**”: empoderamento feminino e negro em personagens da antologia *Olhos d’água*. Revista Alpha, Patos de Minas, p.164-173, jan./jul. 2017.

Ministério Público. **Guia de Atuação Ministerial**: defesa dos direitos das pessoas em situação de rua / Conselho Nacional do Ministério Público. – Brasília : CNMP, 2015. Disponível em: <https://www.cnmp.mp.br/portal/publicacoes/8969-guia-de-atuacao-ministerial-defesa-dos-direitos-das-pessoas-em-situacao-de-rua>. Acesso em: 07/05/2020.

RIBEIRO, Djamila. Apresentação: Feminismo Plurais. In: BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Pólen, 2019.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** / Djamila Ribeiro. — 1a ed.— São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

RUZANY, MEIRELLES. **Adolescência, juventude e violência: identificação, abordagem e conduta**. Adolescência & Saúde. Volume 6. Nº 3. Setembro 2009.

SÁ, Rodrigo Moraes. **Estupro de Vulnerável**: Uma análise doutrinária sob a ótica da vulnerabilidade do menor. Revista Semana Acadêmica. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero patriarcado violência**. / Heleieth Iara Bongiovani Saffioti. – 2. ed. – São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SEVERIANO, Renata Lourdes Linhares. **Violência, trauma e empoderamento representados nas Insubmissas Lágrimas de Mulheres, obra ficcional de Conceição Evaristo**. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau de Ferros, 2018.

SOBRINHO, S. T. **A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade**: estudo de Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SOUZA, Avanete Pereira; CORDEIRO, Emanuela de Souza. **Imaginários sociodiscursivos da mulher negra**: análise do conto Isaltina Campo Belo de Conceição Evaristo. Anu. Lit., Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 114-130, 2019.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica biográfica, ainda**. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. Campo Grande, MS: Editora UFMS, v. 2, n. 4, set. 2010.

_____. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. “**Notas sobre a crítica biográfica**”. In: _____. *Crítica cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 111-121. (Humanitas).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WENTZEL, Marina. **O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo.** BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953#:~:text=Em%201995%2C%20havia%205%2C3,2%2C1%20milh%C3%B5es%20de%20brancas.&text=Em%202017%2C%20o%20trabalho%20dom%C3%A9stico,dos%20empregos%20formais%20das%20mulheres>. Acesso em: 22/10/2020.

WERNECK, Jurema. **Introdução: Olhos D'Água.** In: EVARISTO, Conceição. *Olhos D'Água.* 1ed. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação biblioteca Nacional. 2014.

WOOLF, Virginia. “Trois guinées”. Paris: Éditions dès femmes, 1977. In: BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.